



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELANDO EM HUMANIDADES

**MARIA VITORIA SILVA CARDOSO**

**SARAU E RESISTÊNCIA EM GUAÍÚBA**

**REDENÇÃO/ACARAPE**

**2019**

MARIA VITORIA SILVA CARDOSO

**SARAU E RESISTÊNCIA EM GUAÍÚBA**

Trabalho de Conclusão de Curso, Projeto de Pesquisa do Curso, Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Dra. Maria Aurinívea Sousa de Assis

REDENÇÃO/ACARAPE

2019

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> -----	04
<b>2 OBJETIVO</b> -----	07
2.1 OBJETIVO GERAL-----	07
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS-----	07
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> -----	07
<b>4 PROBLEMATIZAÇÃO</b> -----	10
<b>5 HIPÓTESES</b> -----	11
5.1 HIPÓTESE BÁSICA-----	11
5.2 HIPÓTESES ESPECÍFICAS-----	12
<b>6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> -----	12
6.1 A CIDADE E AS EXISTÊNCIAS HUMANAS-----	12
6.2 AS EXISTÊNCIAS HUMANAS E A ARTE-----	14
<b>7 METODOLOGIA</b> -----	17
<b>8 ANEXOS</b> -----	19
<b>9 REFERÊNCIAS</b> -----	20

## 1 APRESENTAÇÃO

Sarau quer dizer uma reunião festiva que tem como objetivo apresentações artísticas. O sarau periférico, além de possuir estas mesmas características, ainda vem com a criticidade e junto ao movimento negro da periferia. Sabe-se que a arte questiona certos posicionamentos da sociedade, desta forma, estas reuniões festivas nas periferias vão servir como espaço para interpretação de realidades vividas na em formar de músicas, poesias, encenações, entre outras expressões artísticas. Neste trabalho, daremos enfoque à batalha de rimas, mais conhecidas como batalhas de rap, que faz parte do movimento hip hop.

Este trabalho em si, decorrerá sobre o sarau e Guaiuba, feita pelos próprios residentes da cidade e associações interessadas em manter o evento. Esteve em sua segunda edição no final de 2018. As cidades vizinhas, incluindo Redenção tem participado das apresentações. Apesar de ser feito em uma única cidade, o evento move todas as cidades vizinhas, trazendo atrações de outros lugares e divulgando cada vez mais a cultura da região do maciço de Baturité e da região metropolitana de Fortaleza. O mesmo foi pensado a partir de outro Sarau que acontecia em Pacatuba e em outro que acontece em Redenção, por conta da falta de acessibilidade a locomoção de moradores menor de idade do município de Guaiuba, surgiu a ideia de fazer um Sarau local, onde todos conseguissem participar e com uma estrutura que pudesse chamar a atenção de toda a cidade.

A partir das inquietações geradas por meio dos saraus periféricos existentes no país, discutiremos, neste trabalho, a importância que o sarau periférico ganhou na cidade de Guaiúba, buscando seus pontos de partida e como se dá a sua continuação.

A cidade de Guaiúba, segundo o último censo possui 23091 habitantes, 94,8 por quilometro quadrado. Se distancia 37,47 km de Fortaleza. As cidades vizinhas são Pacatuba, Horizonte e Maranguape.

Para Lucía Tennina, no artigo “Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos”, “portanto, pode-se afirmar que é possível pensar a periferia não como um espaço delimitado a partir de valores econômicos e sócio estruturantes, mas

como um mapa afetivo traçado a partir do circuito de saraus e seus frequentadores.” (TENNINA, 2013, pag. 13). De modo geral, os saraus de rua, neste século, vão ganhar uma significação que irá além do espaço geográfico em que se encontram, irão até as minorias sociais também. Sérgio Vaz foi um dos primeiros criadores do sarau periférico em São Paulo de forma a reconhecer suas reuniões como saraus na periferia e buscar visitar estas relações afetivas e construir junto a eles uma relação ainda maior com a leitura e poesia.

Periferia, na visão de Tennina, não é apenas morar na periferia, é toda a questão social com a qual seu modo de vida condiz, desta forma, o sarau periférico além de trazer pessoas da periferia, acompanha também as vivências que legitimam o espaço geográfico e as pessoas ali presentes. A partir disso, entendem-se as perseguições políticas cotidianas não apenas como um preconceito, mas uma característica e posteriormente uma estética particular do local. O sarau periférico, assim, ganha uma beleza que se pode entender como um capital simbólico (TENNINA, 2013). O ser periférico trabalhado no texto de Tennina explicita bem o que trataremos ao longo do projeto, na medida que este entende os sujeitos que fomentam o sarau de Guaiúba como minorias e, num sentido amplo, como periferia, tanto os artistas que fazem parte quanto os moradores.

Ao longo do texto, a autora vai tratar sobre a peculiaridade que cada sarau possui, levando em conta as vivências gerais daquelas pessoas do espaço, fazendo assim com que cada um traga para as apresentações conteúdos diferentes. Além do mais, a intenção de “*latinoamericanizar*”, como Tennina cita em seu trabalho, dentro da temática periferia se modifica, sendo, portanto, *interiorizada*. Já que sabemos que cada um possui suas peculiaridades, vêm também a intenção de conhecer as diferenças dos interiores do Nordeste, que traz as histórias de vida das pessoas do interior e, também, as descendências de cada pessoa ali envolvida.

O Sarau de Guaiúba possui uma discrepância ordinária dos demais que trouxe a este projeto mais interesse em ser feito. Uma mulher foi a criadora do projeto e logo mais trataremos sobre o fato dela ainda estar no ensino secundarista e suas motivações em criar o Sarau, junto às dificuldades enfrentadas para mantê-lo. O fato de vivermos hoje ainda em uma sociedade que não dispõe de oportunidades igualitárias para gêneros torna a ascensão do Sarau ainda mais interessante. Além do mais a juventude secundarista vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito artístico e o motivo para que esta ascensão seja tão interessante é a coragem desta juventude se unir e criar o Sarau Periférico

De forma geral, trabalhar com o Sarau torna-se não apenas uma forma de conhecimento sobre o evento, mas um reconhecimento de culturas e espaço, visto que as próprias experiências de Saraus se tornaram algo fundamental na construção de várias pessoas que ali estavam, sendo inclusive uma forma de politização das minorias que participam. O sarau é feito com e para a população, um projeto que nasce para mostrar aos habitantes suas próprias belezas naquele espaço que, na maioria das vezes, é esquecida pelos governos. De acordo com Sérgio Vaz, no texto o contato da literatura nos locais subalternos das cidades gerou não só um incomodo da classe média alta, como também deu a população local um conhecimento de mundo que antes não assistia as comunidades pobre e que no momento que fez parte do cotidiano juvenil pobre, criou uma geração não apenas de leitores vorazes, mas de poetas, sábios com consciência de classe. Vaz Aponta que:

A periferia nunca esteve tão violenta, pelas manhãs é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até 400 páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana (VAZ, 2011, pag. 1)

A leitura na periferia associada à consciência de classe é algo assustador para as elites brasileiras. Na citação de Sérgio Vaz, a leitura é vista como uma arma da periferia, como se fosse a nova droga que a juventude periférica está viciada e este vício será o motivo da “decadência” deles. A propósito, é comum ver eventos de periferia sendo barrados por policiais. Além do mais o local onde o evento acontece já recebe por si só uma grande bagagem de preconceitos por lá residirem comunidades de maioria negra e pobre. Em Fortaleza, na procura de eventos culturais periféricos, me deparei com uma evasão e logo soube que os policiais locais estavam sempre acabando com o evento e, por conta disso, eles não estavam mais acontecendo. A criminalização dos Saraus em meio à periferia deveria ser considerada tão comum quanto qualquer outro evento político que ocorrem nos espaços públicos e o fato de um grupo de jovens se encontrarem para discutir suas vivências, assim como dito anteriormente, gera medo nas elites. A perspectiva que Sérgio Vaz traz em seus escritos sobre sarau é irônica, na medida em que procura fazer metáforas com armas e literatura.

## **2 OBJETIVO**

## **2.1 Objetivo geral**

Temos como questão central estudar o Sarau de rua que ocorre no espaço do centro de Guaiúba, observando detidamente as batalhas de poesias, também chamadas de batalhas de rima, uma prática comum entre cantores e cantoras de rap, e seu espaço de fala no Sarau.

## **2.2 Objetivos específicos**

- Estudar o Sarau de rua de Guaiúba e observar as batalhas de poesias e refletir a partir dela aspectos acerca das comunidades e da população local;
- Dar visibilidade a batalha de poesia que vem ocorrendo na cidade de Guaiúba e no referido Sarau;
- Conhecer esse instrumento artístico e analisar a respeito da preferência dos jovens da cidade por ele;
- Discutir como a linguagem dos saraus, no contexto de Guaiúba e na periferia das grandes cidades brasileiras, denunciam questões sociais e sofrimentos da população, tornando esta luta uma inspiração para a produção de arte e a linguagem artística, por sua vez, como arma de luta e emancipação humana.

## **JUSTIFICATIVA**

A iniciativa do projeto começou logo no primeiro semestre do Curso de Bacharelado em Humanidades, quando houve o encontro com expressões artísticas que já faziam parte do nosso cotidiano, entretanto, o olhar acadêmico que começava a elaborar, desta vez, gerou um interesse diferenciado sobre essas manifestações. No decorrer dos estudos de pesquisa nas cidades, atentamos para as pessoas que as ocupavam e os vários encontros e desencontros existentes no mesmo local. Todo esse estudo e a disciplina de “Expressões Artísticas e estéticas contemporâneas”, do primeiro semestre, gerou oportunidade de ir às ruas e observar grafites, pichações, saraus, batalhas

de rap, etc, que outrora já havia presenciado, mas que, naquele momento, passava a fazer com um “olhar acadêmico”. A partir dessas experiências, decidimos fazer a o Trabalho de Conclusão de Curso analisando o Sarau de rua que ocorre em Guaiuba- CE.

Tivemos a oportunidade de conversar com a criadora do Sarau e os colaboradores que ajudaram bastante na construção deste trabalho, entretanto por ter sido de forma informal, não traremos as entrevistas neste momento. Enquanto moradores de periferia, ex-estudantes de escola pública e atualmente estudantes de universidade pública interiorana, conseguimos em nossa trajetória de vida muito contato com artistas periféricos e com suas artes, assim como, em alguns momentos, chegamos também a produzir conteúdo. Este contato do nosso cotidiano com essas artes fez com que enxergássemos não só como um produto artístico, mas como um porta-voz das dificuldades que a periferia possui. Mesmo que as batalhas de rap, grafites, pichações tenham uma grande visibilidade nos dias atuais, ainda assim, são vistas com um olhar muito estereotipado.

O rap, sendo uma arte que se iniciou nos movimentos periféricos, ainda hoje tem um objetivo político em suas músicas para alertar e emancipar a população periférica e negra, como também os chamar para a luta por melhorias e reivindicar dos governos estas melhorias, por conta disso e sua própria forma de construção levou as comunidades menos favorecidas uma arte que vinha deles, assim como o break e o grafite. Mesmo sendo visto com olhares negativos pela sociedade por ser artes da periferia, o rap vem como solução a população ao invés de problema. Mesmo com suas dificuldades de se manter, a conscientização sempre trabalhada nas batalhas de rimas faz com que seus produtores sempre procurem novas saídas e posteriormente oportunidades para se manterem cada vez mais em desenvolvimento.

Guaiuba é uma cidade pequena e que, apesar de ser uma cidade em desenvolvimento, a proximidade que ela tem com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, faz com que muitos projetos da universidade sejam desenvolvidos lá. Na cidade existe um órgão do município que é responsável por propor educação artística aos jovens moradores da cidade. Entretanto, há algum tempo já não havia mais motivação dos jovens nem inovações do órgão, o que gerou uma evasão. Uma jovem da cidade, por nunca ter ido há um sarau e motivada a ir, teve o empecilho de ser menor de idade e receber a reprovação dos pais em participar de saraus em outros lugares, resolveu fazer, ela mesma, um Sarau em sua cidade que além de fazê-la participar de um sarau lhe daria a oportunidade de construir um em sua própria cidade. Na primeira



edição, mesmo com poucos incentivos, conseguiu uma grande repercussão na cidade, lhe motivando a continuar com o projeto e dando oportunidade para que o mesmo tivesse mais visibilidade.

A criação do Sarau motivou-nos a fazer a pesquisa no local por várias questões particulares, como, por exemplo, a ousadia da criadora do projeto e a ascensão pública na cidade. As cidades interioranas do Ceará são costumeiramente esquecidas de várias formas pelo governo, gerando assim pouco acesso à arte e à cultura. A construção do Sarau vem também para denunciar esta ausência do Estado para com eles, para dar oportunidades para crescerem enquanto artista ou até mesmo se desenvolverem dentro das artes.

A motivação maior na construção deste trabalho é, além de dar visibilidade a arte dos saraus é, ainda, conhecer mais dos saraus e, também, das periferias e suas produções, entender a beleza daqueles ambientes nos quais eles se constroem. Segundo Renato Cordeiro Gomes, no livro *Todas as cidades, a cidade*, as cidades são como livros de registros que possuem cada característica muito bem organizada, entretanto Gomes continua colocando como esta mesma cidade pode ser uma cidade diferente para cada pessoa que ali vive. A vivência que aqueles corpos tiveram em suas trajetórias de vida os fizeram ver a cidade da forma como veem e a partir desta visão trazer para a arte seus entendimentos baseados em suas vivências, tornando o trabalho não só uma análise de saraus, mas também uma análise das vivências de seus colaboradores.

O projeto teve uma delimitação de focar mais nas batalhas de rimas do Sarau, pois como não havia possibilidade de se estudar cada detalhe do evento, precisou-se deste recorte. Além do mais, dentre os estudos feitos para o trabalho, houve um estudo visual mais focado nestas batalhas de poesias. O rap está ganhando cada vez mais ascensão na sociedade por conta do teor político e de sua linguagem informal com o público-alvo. Sua construção é feita justamente na periferia, fazendo com que as letras das músicas se voltem sempre para problemáticas de onde os participantes vieram, educando seu público sobre questões sociais, público que, em grande parte, também é oriundo desses mesmos lugares.

Foi feito um levantamento e entrevistas preliminares de acordo com as disponibilidades das pessoas entrevistadas e com as pessoas que aceitaram o convite para entrevista. No total, conseguimos entrevistar cinco participantes, sendo uma delas a criadora do projeto. A maioria faz partes de bandas musicais e apenas dois tinham um contato com a poesia.

## 4 PROBLEMATIZAÇÃO

Milton Santos na obra *O retorno dos Territórios* afirma que seria a própria periferia que lutaria por melhorias, já que ela é o principal alvo das corrupções feitas pelo governo no contexto brasileiro.

O território brasileiro, apesar de muitos estudiosos apresentarem pesquisa a respeito, ainda é um espaço desconhecido pela sociedade a fora, na medida que o conhecimento geral da periferia se resume, muitas vezes, a palavra “violência”. O que queremos discutir, neste projeto, é como a arte da periferia é algo que vai além dos estereótipos.

Busca-se analisar esta arte a partir dos olhos de quem a produz. Levando em consideração as mais variadas razões que levam os artistas a falarem aqueles poemas, qual o significado de ser ator e/ou produtor das poesias, os mais variados espaços onde ocorrem essa performance das poesias. Perguntando-se, ainda: quem são os principais agentes? Que tipo de preparação estes agentes fazem para a apresentação em público? Qual a participação feminina dentro da batalha de poesias? Esses três questionamentos irão promover o impulso desta pesquisa, nos ajudando a manter o foco nos nossos reais objetivos enquanto pesquisadora.

Erica Peçanha em sua defesa de mestrado coloca que a literatura marginal, estudada por muitos antropólogos relaciona-se diretamente com o espaço social (PEÇANHA, 2006) Desta forma, estudar o espaço onde a arte é produzida torna-se primordial para o entendimento da pesquisa. Além do mais, entender o espaço interiorano como Guaiúba, sendo ele afastado da metrópole e recebendo poucos incentivos para arte e cultura, o próprio Sarau torna-se por si só resistência, assim como ocorre com os saraus da periferia dos grandes centros urbanos.

Tennine, em seus escritos, irá trabalhar com a ideia da relação do Estado com o sarau periférico sendo este, além de uma reunião de declamação de poesias, uma ferramenta política para os jovens participantes e espectadores. A dificuldade em manter o Sarau sem o apoio do governo será estudada nesta pesquisa. Vaz diz:

A criançada está muito louca de história infantil. Umas já estão tão viciadas, que, apesar de tudo e de todos, querem ir para as universidades. Viu, quem mandou esconder a literatura da gente, agora nós queremos tudo de uma vez! Dizem por aí que alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia. Mas neste país de pele e osso, quem é o sábio? Quem é o feio? E olha que a

gente nem queria o café da manhã, só um pedaço de pão. Que comam brioche! (VAZ, pag. 1, 2011)

Sérgio Vaz, sendo uma grande referência da literatura marginal e de saraus periférico deixa claro em seus escritos o incomodo que esta arte gera nas elites que outrora era a única classe a receber o privilégio das mais famosas artes, se tornarem grandes artistas, enfim. Ao deixar de ser um privilégio da elite a literatura torna-se algo que começa a libertar a periferia, gerando assim uma politização dos mesmos e oportunidades no campo de estudos não apenas sobre ele, mas com e feito por eles.

## **5 HIPÓTESES**

### **HIPÓTESE BÁSICA**

A periferia deste século, mais especificamente desta geração, vem sendo estereotipada tendo como única característica a violência, desta forma, as outras produções, que existem naquele espaço, como, por exemplo, as artes, as culturas, o artesanato é esquecido e deixado de lado. Além do mais, são esquecidas também outras problemáticas daqueles espaços, como o feminicídio, o racismo, a subsistência das pessoas que lá vivem, entre outros. Pode-se supor que a batalha de poesias vem com o intuito de denunciar todos esses problemas que existem naquele espaço e de expressar a opinião quanto a isso. Logo, tem-se a hipótese de que não há interesse por parte do sistema vigente de conferir visibilidade a uma arte que expressa tudo aquilo que o governo mais tenta esconder. A população brasileira como maioria está inserida nos espaços marginalizados, desta forma eles têm muito conhecimento sobre a desigualdade social em que se encontram. Se os que fazem o governo derem voz a estes espaços, terão que arcar com todos os problemas que lá existem, dentre eles, a segregação. Terão que ouvir a indignação da população brasileira contra as injustiças sociais e fazer várias reformas, tirando, assim, o governo brasileiro da sua zona de conforto.

### **HIPÓTESES ESPECIFICAS**

Através dos versos nas rodas de poesias, há o intuito de produzir material estético e expor as várias opressões sofridas por aquele grupo e chamar a atenção dos demais para

os protestos. Existe, também, a vontade de dar a comunidade marginal alguma forma de expressar a arte como algo que represente aquele público. Sendo a batalha de poesias algo que acontece dentro da própria comunidade, com suas próprias gírias, há, assim, uma identidade dos criadores naquela expressão. A batalha de poesias também é entretenimento para o público periférico, que, em algumas ocasiões, vem com o intuito de tirar a juventude da criminalidade, fazendo com que esta ocupe o tempo vago com algo que ela possa se expressar e se divertir ao mesmo tempo.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 6.1 A CIDADE E AS EXISTÊNCIAS HUMANAS

Segundo Renato Cordeiro Gomes, em sua obra *Todas as Cidades, A Cidades*, as cidades são grandes labirintos que sempre estão se modificando junto às experiências de vida. O “Emaranhado de existências humanas” (CORDEIRO, p. 23, 2008) torna-se o principal componente dessas várias mudanças sofridas pelas cidades.

O título do livro já torna possível a visualização do conceito de cidades discutido no livro. No decorrer do livro e em suas múltiplas comparações do que é a cidade, pode-se imaginar várias cidades dentro de uma única, posto que a forma de se viver a cidade vai ser única para cada indivíduo e para cada momento em que se visitar uma cidade. O poder de rememoração vai ser colocado como uma forma de se viver a cidade (CORDEIRO, p 11, 2008), visto que as experiências humanas tornam possível a mudança sobre nossas lembranças passadas, fazendo com que lugares antes visitados sofram transformações pelas novas formas de visão que alguém possa ter sobre aquele mesmo espaço (BENJAMIM, 1987). A cidade, colocada sempre como um livro de registro (CORDEIRO, 2008), não é só labiríntica como também resultado da imaginação da espécie humana. Esta cidade vai ser também um lugar confortável à modernidade por suas diversas possibilidades de existências junto à inquietação (CORDEIRO, 2008).

Sabe que decifrar/ler esta cidade é cifra-la novamente, é reconstruí-la com o caos, fragmentos, rasuras, vazios, jamais restaurando-a na íntegra. Oferece um novo texto cuja imagem é necessariamente fraturada, descontínua. Escrever esta cidade é inscrevê-la novamente

num livro de registro; é superpô-la a outras cidades síncricas cujo desenho, é desde a origem, indecifrável (CORDEIRO, 2008, p. 40).

Uma das importantes leituras feitas para a construção deste trabalho, foi o livro de Ítalo Calvino “As Cidades Invisíveis”. Muito citado por Renato Cordeiro Gomes, Calvino cria em seu livro cidades como se fossem personalidades de pessoas, citando-as com nomes de mulheres. A leitura que Ítalo Calvino propõe é bastante desafiadora, visto que está sempre dando voltas e confundindo o leitor, precisando assim do máximo de concentração para compreender a base de seus escritos. Uma das características fundamentais do autor é a não-linearidade, sempre pensa as cidades como labirintos nos quais pequenos espaços são capazes de definir o território quando, ao mesmo tempo, não são capazes de definir nada. Fazendo assim com que não seja necessária uma ordem na leitura, começar o livro de trás para frente ou de frente para trás, não irá fazer com que o leitor tenha menos dúvidas ou informações não coletadas, pois trará entendimentos ambíguos em qualquer forma. Diz Calvino a respeito de uma das cidades:

Sem dúvida também em Ipásia, chegara o dia em que meu único desejo será partir. Sei que não devo descer até o porto, mas subir ao pináculo mais elevado da cidadela e aguardar a passagem de um navio lá em cima. Algum dia ele passará? Não existe linguagem sem engano (CALVINO, 1972, P. 22)

Neste trecho é possível notar que a incerteza de suas viagens é presente, assim como as características das cidades. O começo do livro irá explicar isto como “saltos imaginários”, no qual a audição se faz mais necessária que a própria voz dentro da narração (CALVINO, 1972, p. 2). Ítalo Calvino irá instigar muitos outros pesquisadores a procurar esta versão das cidades. Estas cidades que ele tanto cita são invisíveis porque não podem ser localizadas, muito menos decifradas, esta é a grande questão do autor, falar sobre a cidade como afeto, a percepção que se tem dela (CALVINO, 1972, p. 2).

## 6.2 AS EXISTÊNCIAS HUMANAS E A ARTE

O livro de Paul Zumthor *Performance, Recepção, Leitura* irá nos dar uma base sobre o segundo ponto aqui colocado. Seu livro dará início explicando o papel que o corpo possui na leitura e posteriormente na arte, visto que, segundo o autor, os seres humanos possuem uma interpretação de uma leitura a partir de suas vivências (ZUMTHOR, 2000, p. 27). Zumthor explica a relação que o autor possui com seus leitores, sendo eles os

sujeitos da recepção e autor como o que cai sob o fogo cruzado dos projetores, diz ele: “Um texto só existe verdadeiramente, na medida que há leitores (pelo menos potenciais)” (ZUMTHOR, 2000, p. 27). A partir desta frase podemos relacionar a leitura com a necessidade de interpretação, sendo as vivências protagonistas da construção de tal compreensão. O autor enxerga isto como a “*natureza do poético*”, neste sentido, a ideia também do papel do corpo na leitura se faz imprescindível. Ele continua colocando que: “o corpo é peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo (ZUMTHOR, 2000, p. 28)”.

Em seus escritos, Zumthor destaca as diferenças e semelhanças da poesia e do ritual, para ele a diferença mais perceptível é a presença ou falta do sagrado e a semelhança maior é o seu remetente, que sempre foi a pessoa humana. A literatura em seu ver é a manifestação do homem sobre a memória das vivências, aspecto que durante esta pesquisa é o que buscamos encontrar. No Sarau em Guaiúba, buscamos entender a literatura e a arte como uma manifestação da história de cada indivíduo e posteriormente, a história dos guaiubanos, já que para o autor, “a forma da linguagem visa o mundo” (ZUMTHOR, 2000, p. 56). Explica Zumthor que “na aventura humana a escrita surgiu como uma revolta contra o tempo; e, passados milênios, ela conserva ainda esse primeiro elã” (ZUMTHOR, 2000, pag. 57). As escritas e as diversas performances culturais estão em uma posição de diálogo com a memória, e Zumthor procura estar sempre buscando essas origens, consideração o local em que um texto é produzido, os efeitos, a extensão corporal, social e espacial. Shakespeare, em suas peças, buscava atender todas essas características para que, assim, a mensagem conseguisse ser entregue com mais clareza ao seu público (ZUMTHOR, 2000).

Como já falado anteriormente, as performances, na visão de Zumthor, se constrói a partir do ato da comunicação que está sempre buscando fugir do espaço tempo. A questão do entendimento que cada leitor vai encontrar durante a leitura destas performances, estará muito ligada às vivências, fazendo assim com que aquela cena chegue no interior das pessoas, do público e gere uma intriga no peito, para que então consiga ser digerida e de fato compreendida, talvez a hipótese mais viável seja que todas as performances não possuem um único objetivo ao fim e sim múltiplos signos que serão desvendados por diferentes corpos a partir de diferentes experiências. Esta forma de compreensão assemelha-se muito com o modo de entendimento dos dois autores trabalhados anteriormente, Renato Cordeiro Gomes e Calvino, que sempre estão

afirmando esta não-linearidade dos corpos, das cidades, e das performances. Explica Zumthor:

Mas na própria medida dessa expansão e diante da ameaça que ela traz, o que é cada vez mais resistente ao mundo de hoje? Resistem, sem intenção necessariamente de contestação ou de recusa, nas mídias, nas artes, na poesia, nas próprias formas de vida social (a publicidade, a política...) as formas de expressão corporal dinamizadas pela voz (ZUMTHOR, 2000, pag 73).

O autor finaliza seu livro colocando pontos que consideramos chaves para a construção deste trabalho, como, por exemplo, a comparação de performance e leitura, sendo elas diferenciadas pelas estruturas de sentido, a performance está em busca de elemento marginais, de interpretações criadas pelas vivências. Tornando diferentes também a ideia de obra e texto. As vivências corporais dos leitores irão sempre de encontro com a interpretação que eles encontrarão nas performances, já que segundo o autor é pelo corpo que é percebido o sentido (ZUMTHOR, 2000, pag 90).

O hip hop de forma geral iniciou-se nos anos 70 nos EUA e ganhou força para se espalhar para todo mundo até chegar no Brasil na década de 80. A juventude é o principal público que atinge pelo estilo de música rap, estilo de dança break e com o estilo de artes plásticas grafite. Segundo Fragoso (2011) hip hop é tanto um estilo local quanto globalizado na medida que em cada espaço que é produzido, ganha peculiaridades, é globalizado por manter sempre a mesma essência de reunir grupos de jovens de classe média baixa e local por sempre se tratar de representações da realidade de cada local. Durante um processo de reorganização social dentro da periferia dos EUA, na qual mudaria a logística do mesmo diminuindo os serviços sociais na metrópole e junto ao movimento negro o hip hop ganhou espaço nos EUA, dessa forma suas características principais tornaram-se sempre a questão desses dois públicos lutando por melhorias através de seu objeto artístico.

A cultura hip hop é ainda marcada por seus experimentos de sons e batidas no início e através da combinação de cada som, formou-se o rap. Acredita-se que o rap começou a fazer sucesso na medida que o neoliberalismo foi ganhando espaço na sociedade estadunidense, trazendo dificuldades para a população conseguir emprego e viver em condições de subsistência, junto ao aumento da violência urbana dentro das periferias principalmente. Foi emergido com um som que soava a rebeldia por conta de sua batida e suas leituras, por conta disso faz com que revele uma realidade da periferia.

O MH2O (Movimento Hip Hop) foi o primeiro e um dos mais importantes de movimentos de hip hop no Ceará onde se iniciou pelo break e no momento em que se uniu com os movimentos estudantis e sendo ele feito desde o princípio em periferias, sentiu a necessidade de trazer a problemáticas do espaço para a arte, ganhou mais força política e ainda hoje é uma referência para o movimento (FRAGOSO, pag. 57, 2011)

Numa pesquisa realizada sobre as práticas de violência ensejada na atuação de gangues urbanas na cidade de Fortaleza, Diógenes (2008) observa que de certa forma, as práticas de roubos, arrastões, confrontos com a polícia e entre gangues, podem ser entendidas dentro de uma dinâmica da violência movida pelo signo do espetacular e marcada por uma luta dos grupos juvenis invisíveis e excluídos para ganharem alguma visibilidade no espaço público. A violência ensejada nas gangues remete a uma forma espetacular e panorâmica de atuação que se liga intimamente com a mediatização do público no decorrer da década de 90. (FRAGOSO, pag. 60)

Neste trecho o autor tenta deixar de forma clara o objetivo de como é vista as vivências de violência do público periférico e em meio a este, ao mesmo tempo conseguimos trazer da cultura hip hop a mesma reflexão q o trecho trás de procurar fazer com que aquelas pessoas da periferia sejam vistas, seja lá a sua forma. Existem altos índices de violência em Fortaleza e ainda uma grande desigualdade social da população, talvez esses dois dados tragam a reflexão do motivo para os dois fatos estarem tão interligados.

Uma das reflexões feitas durante a leitura remete ao fato de quando uma pessoa da periferia consegue não se inserir em contextos de drogas, já é lido pela sociedade como alguém bem-sucedido. Junto a esta reflexão veio a importância do hip hop nestes espaços que além de levar cultura, ainda traz ao público jovem reflexões e formas de serem vistos pela sociedade que não sejam ligadas a crimes, tornando-os além de “bem-sucedidos”, artistas fazendo ainda com que consigam conscientizar-se do estigma criado para eles e de quem eles realmente são, como Fragoso aponta “lugar” e “estigma”, no qual o estigma trago a população não periférica sobre o periférico sempre remete a vagabundagem porque onde ele está só há vagabundagem, fazendo com que os próprios se confundam durante a sua caminhada de vida sobre o que se é e até onde se pode ser. Fragoso aponta:

Parece ser significativo o fato de que eles sempre dizem que em vez de estar na rua, evoluindo-se com drogas ou violência, eles estão dançando break. Eles valorizam a dança, não apenas porque ela lhes possibilita ampliar o seu círculo de amigos e contatos, frequentar locais que antes não iam. A dança também serve como um argumento, uma mostra



de que eles não são jovens desajustados como o estante da sociedade os vê. (FRAGOGO, pág. 131, 2011)

Dentro do contexto periférico observa-se também que estar fazendo outras atividades artísticas faz com que aquela juventude periférica se mantenha longe das drogas. Zumthor (2000) em seus escritos concorda com tais postulados na medida que segundo ele a vivência é a primeira motivação para se fazer algo artístico. Uma característica importante na leitura dos escritos de Zumthor, é a forma como o corpo torna-se o primeiro objeto de arte e ainda objeto principal que faz com que a arte exista. A arte, segundo o autor, é a voz que emana do corpo junto à reação da poesia ao se usar a oralidade (ZUMTHOR, Paul, Pag. 66, 200). A performance, neste sentido, se faz precisa já que a mesma dá a noção da comunicação oral, negando a forma/ fórmula

## **7 METODOLOGIA**

A pesquisa será iniciada com o estudo bibliográfico de autores. A escolha em analisar um Sarau de rua se deu a partir da observação dos pesquisadores que em seu trajeto de vida enquanto cidadãos, foram reconhecendo suas primeiras representações de resistência demonstradas na arte em situações corriqueiras do cotidiano. Terá um foco central nos atores do Sarau de Guaiúba, constando suas vivências com aquela arte, suas dificuldades, sensações e, desta forma, realizar-se-á, também, uma pesquisa exploratória, visto que o objetivo central do trabalho é construir uma reflexão que segundo Severino (2007) necessitará de uma aproximação com o objeto e assim com os agentes construtores do mesmo. Além do mais, pensamos em delimitar a pesquisa primeiramente aos artistas do Evento para posteriormente procurar mais dados com os espectadores. Esta pesquisa será feita com questionários em um local de preferência aberto em Guaiúba para que todos possam se sentir à vontade para responder. Registraremos o Sarau com fotografias para que possamos levar para a finalização e mostrarmos a equipe de organização a movimentação que a pesquisa trouxe. A pesquisa terá uma semelhança muito próxima do que conhecemos como etnografia, então, por conta disso, também fotografaremos os entrevistados, caso eles concordem. A pesquisa feita com o público, apesar de não ser feito imediatamente terá o objetivo de discutir a importância na cidade como sendo um evento de lazer para a população que além de trazer alegria, busca também levar o debate de várias questões sociais em rodas de conversas.

A princípio, pensamos em dialogar de modo informal com os organizadores do projeto e com os participantes para entendermos como surgiu o Sarau e entender a

importância dele na cidade de Guaiúba. Também planejamos observar o evento cultural para que assim consigamos analisar o público, os artistas, a preparação e a emoção do evento com mais clareza. Não vamos identificar os entrevistados pelo próprio pedido deles, entretanto, os termos de consentimentos estarão todos assinados por eles.

Tomando como base Severino (2007) em seu livro *Metodologia do Trabalho Científico*, explicamos que os nossos métodos de pesquisa serão a partir da pesquisa qualitativa, elaborando perguntas abertas aos entrevistados, para que assim consigamos elaborar uma reflexão acerca das colocações de cada indivíduo sobre a representatividade do nosso objeto de pesquisa. Teria como abordagem o método de observação dos espaços onde ocorrem o Sarau mais entrevistas com os atores que performam e que, na maioria das vezes, também são os autores dos poemas falados

A partir das entrevistas, anotaremos pontos-chave das falas dos entrevistados para assim podermos construir uma argumentação em torno das hipóteses que esse projeto levanta. Ao mesmo tempo, gostaríamos também de fazer análises do Sarau, realizando visitas no mesmo, buscando conhecer os participantes do Sarau e os telespectadores.

## ANEXO

### **8 ROTEIRO PRELIMINAR DE PROVOCAÇÕES DE DIÁLOGO PARA OS ENTREVISTADOS**

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DO SARAU QUE ACONTECE EM GUAÍÚBA? DE QUAL FORMA?

VOCÊ RECEBEU APOIO DA SUA FAMÍLIA OU DA COMUNIDADE PARA PARTICIPAR DO SARAU?

COMO VOCÊ ACREDITA QUE A SOCIEDADE ENXERGA SUA ARTE?

HÁ ESPAÇOS PARA VOCÊ MANIFESTAR-SE ARTÍSTICAMENTE NA SUA CIDADE?

QUE DISCUSSÕES SÃO FEITAS NAS RODAS DE CONVERSAS PROMOVIDAS PELO SARAU?

#### **PARA PESSOA(S) ENVOLVIDA(S) COM A ORGANIZAÇÃO DO EVENTO**

PORQUE COMEÇOU A ORGANIZAR O SARAU? O QUE ESTE SARAU REPRESENTA PARA VOCÊ?

ONDE O SARAU COMEÇOU? QUANDO COMEÇOU A ORGANIZÁ-LO?

VOCÊ RECEBEU APOIO DA SUA FAMÍLIA OU DA COMUNIDADE PARA PARTICIPAR/ ORGANIZAR O SARAU?

QUE DISCUSSÕES SÃO FEITAS NAS RODAS DE CONVERSAS PROMOVIDAS PELO SARAU?

## REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. *O Narrador*. 3. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Editora folha, 1972.

FTAGOSO, Tiago de Oliveira. *Concivialidade e Performace na Experiência Estética dos jovens Hip Hoppers da Força Hip Hop em Fortaleza*. 2011 (Mestrado) – Curso de Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Cap. 02, 05.

Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6374>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

PEÇANHA, Erica. *Literatura marginal: Os escritores da periferia entram em cena*. SP, Caros amigos, 2006

RENATO, Cordeiro. *Todas as Cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

SANTOS, Milton. *O retorno do território. Em: OSAL: Onservatório Social de América Latina. Ano 6 n° 16 (jun.2005-)*

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

SEVERINO, Antônio. *Metodologia do Trabalho Científico*. SP, Cortez Editora, 2007.

TENNINE, Lucia. *Sarau das Periferias de SP: Poesia entre tragos, silêncios e aplausos*, N° 42, P. 11-28, jul./dez. 2013.

VAZ, Sérgio. *Literatura, Pão e Poesia*. SP: Global Editora, 2011.

ZUMTHOR, Paul, *Performances, Recepção e Leitura*, 1° edição, SP. Editora Educ. 2000